

A INSCRIÇÃO PARRESIÁSTICA DO DISCURSO DE DONALD TRUMP NA MÍDIA: A IRRUPÇÃO DE UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO NO TRAJETO DA VERIDICÇÃO DA FALA POLÍTICA

Antonio Genário Pinheiro dos Santos

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte
gennaryo@yahoo.com.br*

Este trabalho tem como objetivo investigar a constituição da eleição presidencial americana de 2016 como acontecimento discursivo, marcado pela discursividade que instaurou a subjetivação do candidato republicando Donald Trump no espaço da veridicção e da parresia. Trazendo uma problematização acerca da noção-conceito de acontecimento discursivo, assim como de discurso, subjetividade, parresia e franco-falar, o estudo mobiliza as contribuições de Pêcheux e de Foucault, permitindo a discussão acerca da constituição histórico-social e, portanto, discursiva do sentido enquanto efeito e do discurso enquanto prática. Trata-se da proposta de se ler a irrupção do acontecimento discursivo como espaço produtor de subjetividade, alicerçado em manobras de controle e inscrito em relações de poder-saber. Ao retomar o método arqueogenalógico de Michel Foucault e promovendo a análise de materialidades de natureza jornalística – afirmações compósitas de Donald Trump que incitaram a produção de matérias e manchetes – provenientes da cobertura midiática da eleição presidencial americana, o estudo volta-se para a discursividade midiática em torno da política, evidenciando o espaço das práticas discursivas como condição exponencial para se entender os recortes de realidade – na égide dos efeitos de sentido – e o processo de subjetivação dos sujeitos sociais, considerando, sobretudo, a formulação e a circulação de um discurso de veridicção, marcado pelo tudo-dizer no escopo do tudo-dizer e do falar francamente. As análises apontam para a necessidade de se atribuir um olhar para as estratégias de poder e de saber que são agenciadas pela mídia para fabricar as posições do sujeito que formula o enunciado parresiástico, as quais fazem irromper acontecimentos discursivos num trajeto ao mesmo tempo de visibilidade e de silenciamento.

Palavras-chave: Acontecimento Discursivo, Parresia, Donald Trump.

Introdução

Este trabalho¹ tem como objetivo discutir a constituição do acontecimento histórico da eleição presidencial norte-americana de 2016 em acontecimento discursivo, atentando para as estratégias discursivas mobilizadas pela mídia a partir das quais se efetivaram os modos de subjetivação do candidato republicano Donald Trump. Nesse empreendimento de leitura discursiva, interessa problematizar a inscrição do discurso – afirmações compósitas mobilizadas no período de campanha política – do agora presidente norte-americano a partir dos efeitos de verdade que sinalizam para a operação de regimes de veridicção que produzem, no cerne do acontecimento, efeitos de parresia.

¹ Produto de pesquisas realizadas em estágio de pós-doutoramento, em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, sob a supervisão da Prof. Dra. Evandra Grigoletto.

Nessa investigação, volta-se para a discursividade que implica a constituição e mobilização de um discurso odioso e do medo, considerando, portanto, os efeitos de ruptura das estratégias de governo de si e dos outros. A proposta, atrelando-se às contribuições de Michel Pêcheux e de Michel Foucault e, dessa forma, inscrevendo-se epistemologicamente na Análise do Discurso de tradição francesa, sinaliza para uma discussão acerca de categorias e/ou noções-conceito determinadas, a saber: acontecimento discursivo, discurso, subjetividade, verdade e parresia.

O estudo está alicerçado na opção metodológica de se entender a discursividade midiática em torno da política como fato do discurso, o que permite se pensar na descontinuidade e dispersão de um objeto, conforme discorre Foucault (2005a). Tal operação aponta, por sua vez, para as implicações dessa marcação das práticas discursivas que as apresentam como condição exponencial para a leitura dos recortes de realidade e para o processo de subjetivação dos sujeitos sociais, pondo em evidência, nessas condições, a formulação e a circulação de um discurso de veridicção, marcado pelo tudo-dizer no escopo do falar francamente.

Discurso e midiatização: a política em acontecimento

Problematizar as regras de formação dos objetos e fazer incidir uma leitura discursiva implica na atenção à historicidade dos dizeres e à marcação da subjetividade na produção dos discursos. Nesse aporte, Michel Foucault – instigado pelo latente desejo de problematizar as condições a partir das quais os sujeitos se constituem a si mesmos – propõe sua incursão de pesquisa sobre o saber, sobre o poder e sobre uma tecnologia do eu. O autor advoga a necessidade de um olhar para a história que considere sua própria constituição como espaço de descontinuidade e de dispersão.

Fazendo uma crítica ao que denomina de grandes sínteses acabadas – estando aí compreendidas a noção de desenvolvimento, tradição, influência e mentalidade/espírito de uma época – o trabalho do filósofo vem dialogar, sobremaneira, com a proposta da Análise do Discurso de vertente francesa. Esta, tratando da constitutividade dos discursos, inaugura um gesto de leitura que põe em suspenso os saberes e as práticas de dizer. Com essa ancoragem, importa para a leitura discursiva dos objetos, entender o discurso como um espaço de discursividade e de tensão a partir do qual pode-se depreender o modo como os sujeitos se constituem e como as práticas discursivas instauram verdades – efeitos de verdade. A efetividade tais efeitos pode ser enxergada na normatização de condutas, na racionalização do

comportamento social, na docilização dos corpos e na oferta do real como um efeito de recorte.

Os discursos são assim concebidos como social e historicamente produzidos em meio as relações de saber e de poder. Desse modo, convocam o sujeito a assumir posições de subjetividade, isto é, posições-sujeito, reclamam uma marcação institucional, mobilizam efeitos de legitimidade e provocam cortes na história pelas verdades que fabricam e oferecem. Análise do Discurso francesa se apresenta, por sua vez, como espaço de proficuidade de pesquisas e, a partir dos pressupostos de Michel Pêcheux, se edifica como ferramenta para a diagonalização das coisas a saber, pondo em cheque a figura do sujeito político, a questão da luta de classes e a colocação em jogo de um gesto de interpretação da história tradicional.

Vale ressaltar que na tradicional relação, mais de especificidade, de corte epistemológico e menos de tensão, existente entre os pressupostos pecheutianos e foucaultianos, pode-se trazer a questão da convergência para o discurso enquanto prática e para o sentido enquanto efeito. Na efetividade de sua militância política e na condução de sua proposta de oferecer um campo de investigação que implicasse numa leitura dos textos doutrinários, Pêcheux (1995) põe em cena com um gesto de leitura das ideologias no terreno da linguagem e das relações sociais. É nesse sentido, por exemplo, que se propõe a atenção à relação desigualdade-contradição-subordinação, bem como a exponencial exterioridade, o discurso-outro, tipicamente constitutivas de qualquer discurso.

Trata-se, nessas condições, de se considerar a emergência de um regime de discursividade que o fato histórico faz operar a partir do diálogo que estabelece entre o dizer que mobiliza, o não-dito e o já-dito. Em *Discurso: estrutura ou acontecimento* (PÊCHEUX, 2008) polemiza a produção do enunciado *On gagné* a partir da proficuidade de sentidos que o mesmo oportuniza quando de seu deslocamento do universo esportivo para o universo político. Na sua incursão epistemológica, as contribuições de Pêcheux se voltam, mais posteriormente, para a questão do acontecimento discursivo.

Tem-se, nessas condições, a sinalização de uma diferença entre acontecimento histórico e acontecimento discursivo, uma vez que “a leitura dos discursos não pode se restringir à sua colocação ou relação a um contexto, uma situação ou um motivo, mas de considerá-los no que eles têm de articulação, de transformação e de tática” (SANTOS, 2015, p. 46). Ao contrário, trata-se de se considerar o discurso – enquanto acontecimento – a partir da exterioridade que lhe é, ao mesmo tempo, constitutiva e efeito, envolvendo as regras que permitem sua irrupção e mobilidade, regras essas que transgridem e ultrapassam um universo lógico ou linguístico de construção. E nesse cenário o enunciado ocupa lugar singular.

Deve-se, portanto, acolher cada momento do discurso em sua condição de acontecimento, o que significa considerá-lo “na pontualidade que ele aparece e na dispersão temporal em que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até em seus menores traços [...]”. Assim, “não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem”, mas acolhê-lo e tratá-lo “no jogo da instância próprio a cada um” (FOUCAULT, 2005b, p. 91). Espaço de exterioridade, de reestruturação do dizer, de estabelecimento de séries de regularidades e de deslocamento e resignificação de sentidos, o acontecimento discursivo não é apenas o objeto, o registro de um evento documental – acontecimento histórico – mas um campo estratégico de possibilidades.

Na perspectiva de Pêcheux, a proposta diz respeito à imersão do novo no discurso, à uma estrutura e um acontecimento os quais põem em série, em jogo o enunciado na relação de uma atualidade com uma memória, a partir da operação de formações discursivas determinadas. Desse modo, a discussão sobre o acontecimento discursivo, entendendo-o como uma operação em que podem ser relativizadas condições históricas de emergência, regras de formação, atualidade de memória e interdiscursividade, torna-se exponencial na medida em que se constitui como espaço de produção e movimento de subjetividade.

É no acontecimento discursivo que se pode observar a produção de sujeitos a partir dos jogos e estratégias em torno do dizer que materializam posições que devem ser ocupadas, discursivamente, não por quaisquer sujeitos, mas por sujeitos determinados, no bojo das relações de poder-saber, instauradas e constituídas no e pelo discurso. E nisso, a mídia se apresenta como a medida de todas as coisas (GOMES, 2004). Nesse sentido, tem-se que a liquidez do discurso midiático sinaliza não só para a constituição em espaço de dispersão, mas, sobretudo, para a instauração de novas temporalidades, nos regimes de dizer, de se *fazer ver* e de se *fazer sentir*. Nas palavras de Thompson (2009, p. 19):

O desenvolvimento dos meios de comunicação é, em sentido fundamental, uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si.

Assim sendo, traz-se à tona a concepção de que é sempre possível vislumbrar regimes diferentes a partir dos quais o sujeito é constituído na materialização de uma política da verdade sobre si mesmo e, no mesmo cenário, é mobilizado e confrontado com uma política da verdade sobre o mundo em que vive. Verdade e subjetividade estão assim acopladas em uma mesma e típica relação de nunca acabar (INDURSKY & FERREIRA, 2007). No cenário

da política, esses últimos engendram uma operação de visibilidade e de controle sobre o que pode e dever ser dito não só sobre o sujeito e sobre o mundo, mas também, sobre a gestão da vida e das coisas.

Parresia e fala política: o imperativo de uma relação

Fomentar a discussão que se volta para a relação entre subjetividade e verdade no espaço da fala política implica considerar a verdade como um efeito, canalizado e operacionalizado em determinados regimes de veridicção. Também representa considerar que o sujeito político é agenciado, na e pela operação midiática, de modo que sua subjetividade se atrela a uma operação de evidência e visibilidade. Enxertada nessa conjuntura está a questão da palavra e do discurso verdadeiro que, uma vez inscritos na efervescência do espaço da política implica o trabalho com uma arte e uma técnica de dizer a verdade.

Nessas condições, trata-se da intrínseca relação do franco-falar e do tudo-dizer que insitui o efeito de parresia, conforme apresenta Foucault (2010a). Face a irrupção do acontecimento discursivo, as práticas e modos de subjetivação do sujeito-político mobilizam a operação de uma atitude moral e um procedimento técnico necessários a quem conduz a fala, de modo que esse sujeito, na constituívidade, formulação e condução de seu dizer, mantenha uma relação de verdade capaz de retomar o trabalho que denota um governo de si – a exegese de si – bem como sua capacidade de governar os outros.

Desse modo, na proposta foucaultiana, a parresia se constitui em uma relação de disparidade e contradição com a lisonja e com a retórica, haja vista sua especificidade constitutiva dizer respeito ao imbricamento do sujeito na relação entre verdade e liberdade e, principalmente, por assinalar o imperativo da relação de si com ou outro. Segundo Foucault (2010a, p. 334) o que está em jogo na parresia não é apenas um *tudo-dizer*, mas, principalmente, um efeito de franqueza, de liberdade e de abertura que faz com que “se diga o que se tem a dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer [...]. O tudo-dizer da parresia tornou-se *libertas*: a liberdade de quem fala”.

É nesta perspectiva, que se observa a marcação da diferença entre a proposta da inscrição parresiástica do sujeito, a partir das contribuições foucaultianas, e a questão da lisonja e da retórica. Neste caso, a primeira se apresenta constitutivamente como um adversário moral porque mobiliza um efeito de arbatamento da cólera, um arbatamento violento e incontrolado “de alguém em relação a outro e sobre quem o primeiro, o que está

encolerizado, encontra-se no direito e em posição de exercer seu poder e, portanto, dele abusar” (FOUCAULT, 2010a, p. 334).

Já a segunda se atrela à efetividade de um discurso da sedução, discurso ligado à operacionalização de uma arte, de uma oratória, isto é uma técnica “cujos procedimentos não têm evidentemente por finalidade estabelecer uma verdade, mas” alcançar o convencimento, a persuasão daqueles a quem se endereça o discurso, “pretendendo convencê-los quer de uma verdade quer de uma mentira, de uma não verdade” (FOUCAULT, 2010a, p. 342). Assim, na parresia, é a questão da relação do sujeito com a verdade que importa, é o jogo entre o falar francamente e o tudo-dizer que, ao se efetivar na condução da palavra, produz o efeito de concretude entre *pensar o que se diz e dizer o que se pensa*.

Tal operação exige do sujeito um trabalho de si voltado para o outro e, ao mesmo, oportuniza a materialização de um conduzir-se a si mesmo a partir do falar verdadeiro, no cerne de um discurso de veridicção e, imperativamente, alicerçado em um regime de verdade capaz, por sua vez, de instaurar efeitos de legitimidade e autorização da posição de quem fala. Segundo Foucault (2010a, p. 343), na parresia só pode haver verdade, já que:

Onde não houver verdade não há franco-falar. A parresia é a transmissão nua, por assim dizer, da própria verdade. A parresia assegura da maneira mais direta essa parádosis, esse trânsito do discurso verdadeiro de quem já o possui para quem deve recebê-lo. Ela é o instrumento dessa transmissão que tão somente faz atuar, em toda a sua força despojada, sem ornamento, a verdade do discurso verdadeiro.

É importante evidenciar que a inscrição parresiástica da fala política não desbanca a verdade de sua condição de efeito e tampouco de sua marcação e constituição em determinados regimes de veridicção. O efeito da parresia no discurso político o atrela à práticas e mecanismos que instauram uma política do que pode se apresentar como verdade e do que, em contrapartida, se eleva como força que impõe a arte da mentira ou mentir-verdadeiro, produzindo efeitos de simulação, sedução, desfarce e simulacro.

Disso, tem-se que para constituição dos efeitos de parresia na formulação e condução de um discurso, o sujeito opera sua subjetividade de forma a manter-se imbricado à um processo de produção de subjetividade. Ele – o sujeito – é perpassado, no cerne do acontecimento que se irrompe e no espaço de condução de uma política da verdade, por regimes do dizer e do representar.

Portanto, a parresia [...] é essa forma essencial [...] à palavra do diretor; palavra livre, desvencilhada de regras, liberada de procedimentos retóricos

na medida em que, de um lado, deve certamente adaptar-se à situação, à ocasião, às particularidades do ouvinte; mas, sobretudo e fundamentalmente, é uma palavra que, do lado de quem a pronuncia, vale como comprometimento, vale como ego, constitui um certo pacto entre o sujeito da enunciação e o sujeito da conduta. O sujeito que fala se compromete. (FOUCAULT, 2010a, p. 365).

Essa questão diz respeito ao governo político do povo pela mentira para seu próprio bem e nem ao trânsito de subjetividade que, por ventura, viria marcar a posição de um sujeito consciente capaz de decidir sobre si e sobre o outro, isto é, capaz de decidir “quando convém dizer a verdade e quando é necessário silenciá-la ou travesti-la”. A operação de inscrição do sujeito do discurso no bojo da parresia deve se distanciar, conforme defende Swift (2006, p. 20), da tentativa de “engolir o povo de um só trago, de suar ameaças demasiado visíveis ou fios grosseiros demais” por uma arte de mentir-verdadeiro, segundo a qual a mentira é calculada, pesada, destilada, proporcionada.

Parresia no discurso de Donald Trump: um olhar para a mídia

Fazendo reverberar um efeito de surpresa e de negatividade, a cobertura midiática do processo de sucessão presidencial norte-americano de 2016 mobilizou, frenética e exaustivamente, a discursivização das afirmações do então candidato republicano Donald Trump. No processo, a mídia evidenciou os dizeres que acenavam para as principais promessas de campanha do respectivo candidato, fazendo incidir a ocupação de uma posição-sujeito de antidiplomático, xenófobo e alheio aos interesses centrais da comunidade internacional.

No decorrer do período de campanha, as afirmações do republicano foram apresentadas pela grande mídia pela transcrição e disposição direta e linear, em diferentes veículos de mídia da grande massa e para toda a comunidade internacional. Em 2015, por exemplo, durante o seu discurso de pronunciamento de campanha, Donald Trump propôs, pela primeira vez, a ideia da construção de um muro ao longo da região sul de fronteira dos Estados Unidos. E, ao fazer uma referência direta a sua experiência no ramo da construção e do setor imobiliário, ele seria, então, o único qualificado para tal tarefa.

Em novembro de 2012, através de uma rede social, o republicano fez críticas a questão do aquecimento global. Mais tarde, em outubro de 2015, ainda usando uma rede social e já entretido com a proposta de uma candidatura à presidência do país, Donald Trump tece comentários considerados de revelia no que concerne a mesma questão. Em novembro de 1999, o magnata já sendo assediado por nomes da política para concorrer a disputa política de

2000, fez um pronunciamento no qual revelou sua postura e o seu entendimento quando d e sua comparação com outros políticos, na vida política e pessoal.

Para efeito de problematização e de análise, seguem, respectivamente, as afirmações² do republicano:

Eu construirei um muro – e nem constrói muros melhor do que eu, acreditem em mim – e eu os construirei de forma muito econômica e barata. Eu construirei um grande muro na fronteira sul e farei com o México pague por ele [pela construção]. Gravem minhas palavras.

O conceito de aquecimento global foi criado pelos e para os chineses no sentido de tornar a produção manufatureira americana menos competitiva.

Está muito frio lá fora, estão dizendo que se trata de uma grande geada, muito longe do normal. Então, deveríamos usar uma boa dose de aquecimento global.

Eu acho que a única diferença entre mim e os outros candidatos é que eu sou mais honesto e as minhas mulheres são mais bonitas.

Em tais assertivas, tem-se um conjunto de declarações que direciona, uma vez considerando essas afirmações no bojo das condições de produção dos dias atuais, a imagem pública e política do agora presidente norte-americano para um espaço de choque e de tensão, refletindo uma posição de incoerência – e até mesmo de não racionalização de comportamento – quando associadas à posição reservada ao presidente da maior potência belico-econômico-finaceira do mundo.

Assim, quando inscritas no conjunto das representações que fomentam a subjetividade de um presidente dos Estados Unidos da América, tais afirmações refletem uma discursividade ligada à ameaça, à intolerância e à incapacidade de gestão administrativa, não só da comunidade interna, mas, sobretudo, dos anseios e necessidades da comunidade internacional. Entretanto, a constitutividade de um discurso odioso e do medo, bem como os efeitos deles decorrentes, asseguram a inscrição parresiástica do sujeito que as formulam.

No tocante ao que se apresenta pelas afirmações, pode-se observar que o discurso de Donald Trump ao mobilizar um efeito de verdade – uma verdade entre o que se diz e o que se faz ou entre o que se diz e o que se fará – se atrela a um regime de tudo-dizer, bem como do franco-falar. Pode-se evidenciar, então, que o dizer de Donald Trump desbanca a necessidade do discurso do outro, já que ao evitar uma técnica do dizer sedutor ou a ornamentação de um

² Tidas como objeto que fomentou a proliferação de inúmeras manchetes e matérias jornalísticas – com análise de especialistas da política, da economia, da administração e etc. – essas afirmações foram divulgadas massiva e repetidamente por diferentes veículos de mídia impressa, eletrônica e televisiva. Por opção metodológica, são trazidas, nesse estudo, apenas as afirmações conforme pronunciadas pelo candidato.

mentir-verdadeiro, o republicano mobiliza efeitos de uma transparência e de uma naturalidade entre o que se pensa e o que se diz.

Este é o espaço de colocação de uma subjetividade no encontro com a verdade e a dispensa estratégica do discurso do outro, já que a parresia está ligada ao efeito do dizer no interlocutor.

A parresia é, pois, a maneira de dizer a verdade [...] se queremos analisar o que é a parresia, não é nem do lado da estrutura interna do discurso, nem do lado da finalidade que o discurso verdadeiro procura atingir no interlocutor. [...] a parresia deve ser procurada do lado do efeito [...] do retorno que o dizer-a-verdade pode produzir no locutor a partir do efeito que ele produz no interlocutor. (FOUCAULT, 2010b, p. 55 – supressões nossas).

Desse modo elementos como a franqueza, a liberdade e a abertura, elementos esses garantem que se diga o que se pensa, formam e constituem um regime de veridicção. É, portanto, a partir desse regime que se pode atribuir efeito de verdade às dizibilidades mobilizadas nas falas de Donald Trump. Esse espaço de constituição de discurso verdadeiro aponta, então, para a efetividade de relações de poder-saber e para o funcionamento de mecanismos de controle, haja vista que ao operar discursiva e estrategicamente, a mídia evidencia o que deve vir à tona e silencia aquilo que deve ser apagado. O então presidente norte-americano tem sua subjetividade marcada por uma visibilidade de negativização, a qual procura instituir um efeito de não racionalização do comportamento.

Além disso, em trechos como em *Eu construirei um grande muro na fronteira sul e farei com o México pague por ele* ou em *deveríamos usar uma boa dose de aquecimento global* e, ainda, em *eu sou mais honesto e as minhas mulheres são mais bonitas pode-se observar uma* uma operação que produz uma subjetividade ligada, dentre outros, à possibilidade de um efeito não só de ruptura e de desfalecimento de acordos nacionais e internacionais, mas, sobretudo, de revelia de um líder político no que diz respeito às preocupações com o planeta, e de sátira pela ridicularização de opositores e pela iminência de um bom senso inerente à posição de figuras públicas.

Neste cenário, é possível afirmar que a subjetividade de Donald Trump é estrategicamente trabalhada e conduzida a partir de sua inscrição parresiástica na mídia e que a irrupção do acontecimento discursivo oportuniza o olhar para os regimes – regimes de veridicção – que produzem efeitos de verdade e marcam não só a formulação, mas, também a a difusão de uma fala política ligada, neste caso, à liberdade do falar francamente e à franqueza do tudo-dizer.

Considerações finais

O olhar para a transformação do evento histórico em acontecimento discursivo exige pensar o imperativo da descontinuidade e dispersão dos discursos e dos objetos. Permite, ainda, a efetividade de um gesto de leitura capaz de qualificar a história como fato do discurso – e não só a espessura do histórico mas, sobretudo, as estratégias, manobras e operações alicerçadas no seu próprio trabalho de tessitura das coisas.

No bojo da parresia, o sujeito discursivo tem, portanto, sua subjetividade atrelada a uma função tripartite, sendo ela de ordem epistemológica, de ordem política e de ordem terapêutica ou da ordem da espiritualidade. Isto porque o sujeito pode apresentar, de algum modo, verdades sobre o mundo do qual faz parte; pode igualmente expor críticas diretas às leis e às instituições e, também, pode clarificar ou trazer à luz a relação entre a verdade e o estilo de vida de alguém.

Portanto, a incursão de pesquisa acerca do acontecimento discursivo, da subjetividade, da verdade e da parresia representa, conforme aqui discutido, um gesto de leitura e de interpretação dos efeitos de mediação e virtualidade diretamente reveladores do trabalho de hipervisibilidade atribuída ao então candidato republicano Donald Trump, quando da ocasião do pleito político-eleitoral de 2016. Em suma, tem-se que a inscrição midiática da discursividade em torno de Donald Trump não promove a reflexão do real e nem trata de escondê-lo, mas tensiona sua vinculação ao princípio de racionalização.

Referências

- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Ditos e Escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.
- _____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005b.
- _____. **A hermenêutica do sujeito**. 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2010a.
- _____. **O governo de si e dos outros**. 1ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2010b.
- GOMES, Wilson. **Transformação da política na era da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2004.
- INDURSKY, Freda. FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.). **Michel Pêcheux e Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- _____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- SANTOS, Antonio Genário Pinheiro dos. **Poder, discurso e mídia: a espetacularização de imagens no acontecimento da política norte-americana**. Tese (Doutorado em Letras). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2015.



IV SIMPÓSIO NACIONAL DE
LINGUAGENS E GÊNEROS TEXTUAIS

SWIFT, Jonathan. **A arte da mentira política** – precedido pelo texto O mentir verdadeiro de Jean-Jacques Courtine. Trad. Mônica Zoppi-Fontana e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes, 2006.

THOMPSON, John Brookshire. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.